

## **O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana**

The concept of orixá in candomblé: the search for balance between the two universes according to the Yoruba tradition

Daniela dos Santos Barbosa<sup>1</sup>  
danibarbosa75@yahoo.com.br

### **Resumo**

O presente artigo aborda o conceito de Orixá no Candomblé, segundo as tradições iorubanas. Destaca que para esses grupos o universo é dividido entre duas formas de existência – ilimitada e limitada, ou Orum e Ayie. Tais universos nem sempre estiveram separados e é através dos Orixás que os iorubanos buscam essa ligação. Os Orixás que receberam de Olorum, ou Ser Supremo, o domínio das forças da natureza, são responsáveis por tudo o que existe e acontece no Ayie, e são constantemente invocados para liberar a força ou energia vital responsável pelo equilíbrio.

**Palavras-chave:** Orixás, Orum e Ayie

### **Abstract**

The present article discusses the concept of *Orixa* in *Candomblé*, according to *Yoruba* tradition. It is remarkable for this group that the universe is divided in two forms of existence - unlimited and limited, or *Orum* and *Ayie*. Such universes were not separated and it is through the Orixas that the Yoruba search for this connection. The Orixas that received from Olorum (Supreme Being), the domain of the forces of nature, are responsible for everything that exists and happens in Ayie. They are constantly invoked to release the strength or vital energy that is responsible for this balance.

**Key-words:** Orixas, Orum e Ayie

### **Uma breve introdução à religião dos Orixás**

Durante os séculos de diáspora forçada da África para o Brasil (XVI ao XIX), muitos foram os grupos e etnias que aqui se instalaram à força e obrigados ao trabalho escravo. Um extenso tempo em que indivíduos foram propositalmente separados de seus grupos de origem e espalhados por uma grande área do território nacional, e por esse motivo impedidos de perpetuar sua cultura, sabedoria, costumes e religião. Saber a

---

<sup>1</sup> Especialista em História e Cultura afro-brasileira e africana pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

procedência dos escravos nem sempre era possível, visto que ainda no continente africano eles eram capturados em regiões diferentes ou tornavam-se escravos em consequência de guerras internas. Sabe-se, porém, que durante todo o período que durou a escravidão, vieram para o Brasil indivíduos da região do Congo, Angola e Moçambique (os bantos), e esses grupos tiveram maiores dificuldades de contato, devido ao longo período, a mortes prematuras e também a extensa área que ocuparam<sup>2</sup>.

Nos flancos sonoros dos navios negreiros vieram não só os filhos da Noite, mas também os seus deuses, os orixás dos bosques, dos rios e do céu africano. É verdade que, no cais dos portos brasileiros, o capelão esperava os nagôs, os jejes, os angolas – capelães das cidades, capelães dos engenhos, para lhes ensinar as preces latinas e os batizar com o Espírito Santo. Os negros confundiriam suas divindades sombrias com os santos católicos, mas continuariam, por meio dos cantos e das danças tradicionais, a adorar os deuses de além-mar. E assim nasceu o candomblé, perdurando até os nossos dias, apesar das muitas transformações por que passou. (Bastide, 2001, p. 327)

Ao final do período da escravidão, atravessaram o Atlântico, negros vindos de uma região da África, onde hoje são localizados os países Togo, Benin e Nigéria para a cidade de Salvador; eram os nagô/iorubás e em sua terra de origem cultuavam divindades mitológicas denominadas Orixás. Tais grupos, a princípio, puderam, em parte, cultuar seus deuses, mas às escondidas, pois não eram permitidas práticas religiosas diferentes do catolicismo que era a religião oficial, trazida por portugueses<sup>3</sup> - na maioria das vezes eram perseguidos, pois eram vistos como charlatães ou feiticeiros, que usavam seu conhecimento “primitivo” para o mal. “Em fins do século XVII, e com a formação das cidades ao redor dos engenhos de açúcar, ou das minas de ouro no interior” (Silva, 2005, p. 36), muitos escravos, alforriados ou não, prestavam serviços em troca de dinheiro; eram os chamados “negros de ganho”, e mantiveram um contato maior com pessoas de seus grupos de origem.<sup>4</sup> Segundo Silva (2005):

---

<sup>2</sup> O tempo de vida de um escravo após a sua chegada ao Brasil era em média oito anos, isso também dificultava a manutenção das relações sociais. A maioria dos escravos era separada dos seus grupos de origem, pois, para os compradores, a comunicação entre os mesmos não era algo interessante.

<sup>3</sup> Os escravos eram obrigados ao batismo e o catolicismo foi uma condição de comportamento e adaptação à colônia de Portugal - entre as orações em certas horas do dia e a aceitação da escravidão como “ordem divina”.

<sup>4</sup> Uma das possibilidades de agrupamento entre os escravos era a alforria. Os negros de ganho juntavam certa quantia para a compra de sua liberdade, mas também de pessoas de seus grupos de origem.

Com o crescimento das cidades e o número de escravos libertos, mulatos e escravos urbanos (que nelas circulavam com maior liberdade e autonomia em relação aos escravos das fazendas), as manifestações religiosas encontraram melhores condições para se desenvolverem. (Silva, 2005, p.48)

Com essa possibilidade intensificou-se a formação de cultos domésticos, e após, uma re-organização em casas de pessoas importantes ou em locais destinados a outras ocupações. Embora houvesse a proibição dos cultos, ou “calundus”<sup>5</sup>, como eram chamados, eles atraíam frequentadores de todas as classes sociais, e não somente negros; pessoas influentes também procuravam auxílio e cura para doenças com os sacerdotes ou chefes - que incorporavam deuses, manipulavam ervas, e traziam as soluções para os problemas do cotidiano. Essa “ascensão” trouxe também problemas, pois, cultos e sacerdotes foram perseguidos durante muito tempo sob acusações citadas anteriormente, como o curandeirismo e o charlatanismo. De acordo com Santos (2008),

Dentro da trajetória da constituição da religião afro-brasileira, podemos apontar como um marco importante, a organização do culto na cidade e a consequente transição de culto doméstico para a consolidação político-social-religiosa. Nesse sentido, cabe ressaltar que a consolidação do candomblé enquanto um culto urbano e não-doméstico deu-se, de acordo com as tradições orais dos nagôs baianos, a partir da construção do primeiro terreiro, localizado atrás da capela de Nossa Senhora da Barroquinha, no centro histórico de Salvador. (2008, p. 6-7)

Sob a responsabilidade dos escravos e seus descendentes, uma África perdida foi recriada a partir da formação do candomblé, que integrou elementos e cultos a várias divindades (Orixás), que antes eram cultuadas separadamente, por cada família, na região dos povos iorubanos. Essas famílias não perderam o seu significado aqui, mas foram re-inventadas com as relações de parentesco entre mães, filhos e irmão de santo, assim como os cultos, que não puderam sobreviver exatamente como em sua origem, e foram re-adaptados na nova realidade social em que se encontravam. Nascia dessa maneira uma religião afro-brasileira<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Calundu era o nome genérico atribuído a todas as manifestações religiosas dos negros que envolviam canto, batuque e dança.

<sup>6</sup> A religião dos Orixás não foi exatamente transferida para o Brasil com a chegada dos escravos iorubanos, mas readaptada, e através dessa readaptação houve a integração de muitos elementos nacionais.

## A relação entre seres humanos e orixás

Os iorubás acreditam que homens e mulheres descendem dos orixás, não tendo, pois, uma origem única e comum, como no cristianismo. Cada um herda do orixá de que provém suas marcas e características, propensões e desejos, tudo como está relatado nos mitos. Os orixás vivem em luta uns contra os outros, defendem seus governos e procuram ampliar seus domínios, valendo-se de todos os artifícios e artimanhas, da intriga dissimulada à guerra aberta e sangrenta, da conquista amorosa à traição. Os orixás alegrem-se e sofrem, vencem e perdem, conquistam e são conquistados, amam e odeiam. Os humanos são apenas cópias esmaecidas dos orixás dos quais descendem. (Prandi, 2007, p. 24)

Houve um tempo em que os Orixás viviam como seres humanos: caçavam, plantavam, colhiam, mantinham relações de afeto e desafeto, mas também possuíam habilidades especiais, e por isso, se destacavam entre os outros seres. Dentre essas habilidades, estavam: os segredos da mata e do ferro, o poder sobre os ventos e tempestades, os conhecimentos sobre a caça, o poder de cura de doenças e muitos outros. Possuindo tais aptidões, os Orixás foram responsáveis por grandes feitos, e muitos mitos contam que, após as suas mortes como seres humanos, eles renasceram sob a forma de Orixás, e passaram a uma outra forma, ou nível de existência, denominada Orum. O número de Orixás conhecido no Brasil é bem menor do que o número de Orixás que eram cultuados na África pelos iorubanos. Aqui sobreviveram aqueles Orixás que poderiam atender às necessidades dos escravos e de seus descendentes, sendo dispensável, portanto, a invocação de forças, por exemplo, como a agricultura e a caça, visto que aqui os mesmos ficavam presos e trabalhavam sob o olhar de seus senhores.

No Orum, ou nível não palpável de existência, governa Olorum, “fonte última de todas as bênçãos, das chuvas, das boas colheitas, da carne e do mel em abundância, da vitória na guerra, da paz no lar” (Berkenbrock, 2007, p. 221). Olorum, como fonte de todo poder e bondade, no entanto, não se aproxima dos seres humanos, que se encontram em outro nível de existência, denominado pelos iorubás de Aiyé, ou nível limitado e palpável. Sobre as duas formas ou níveis de existência, Berkenbrock (2007) destaca que:

O sistema Orum-Aiyé não se sustém nem existe por si mesmo e os Orixás não têm força e responsabilidade a partir de si mesmos. Acima dos dois

níveis da existência está Olorum, o ser supremo. É ele que deu aos Orixás a responsabilidade para reger o Aiye e a força para tanto. Ele está acima de tudo e tudo teve nele seu início, tanto o que está no Aiye, como o que está no Orum. A intervenção de Olorum nas coisas não precisa se dar, porém, de força direta e ele passou aos Orixás a responsabilidade pelos diversos setores ou aspectos da vida e a eles deu a força para exercer tal função. (Berkenbrock, 2007, p. 184)

A existência dos seres humanos, assim como toda a existência física ou material, está no Aiye, onde também é permitida a entrada dos Orixás em algumas ocasiões. Como responsáveis por reger o Aiye, as divindades iorubanas são invocadas através dos cultos, oferendas e sacrifícios, e dessa forma, mantém também um relacionamento com seus filhos – que são iniciados através de uma série de rituais. “Os objetivos principais da iniciação são, por um lado, a introdução paulatina da pessoa na comunidade sócio-religiosa e, por outro, o conhecimento e a veneração de seu Orixá pessoal” (Berkenbrock, 2007, p. 213). Conta um mito que nem sempre Aiye e Orum estiveram separados:

No começo não havia separação entre  
o Orum, o Céu dos orixás,  
e o Aiê, a Terra dos humanos.  
Homens e divindades iam e vinham,  
coabitando e dividindo vidas e aventuras.  
Conta-se que, quando o Orum fazia limite com o Aiê,  
um ser humano tocou o Orum com as mãos sujas.  
O céu imaculado do Orixá fora conspurcado.  
O branco imaculado de Obatalá se perdera.  
Oxalá foi reclamar a Olorum.  
Olorum, Senhor do Céu, Deus Supremo,  
irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais,  
soprou enfurecido seu sopro divino  
e separou para sempre o Céu da Terra.  
Assim, o Orum separou-se do mundo dos homens  
e nenhum homem poderia ir ao Orum e retornar de lá com vida.  
Agora havia o mundo dos homens e dos orixás, separados.  
Isolados dos humanos habitantes do Aiê,  
as divindades entristeceram.  
Os orixás tinham saudade de suas peripécias entre os humanos  
e andavam tristes e amuados.  
Foram queixar-se com Olodumare, que acabou consentindo  
que os orixás pudessem vez por outra retornar à Terra.  
Para isso, entretanto,  
Teriam que tomar o corpo material de seus devotos.  
Foi a condição imposta por Olodumare.  
Oxum, que antes gostava de vir à Terra brincar com as mulheres,

dividindo com elas sua formosura e vaidade,  
ensinando-lhe feitiços de adorável sedução e irresistível encanto,  
recebeu de Olorum um novo encargo:  
preparar os mortais para receberem em seus corpos os orixás.  
Oxum fez oferendas a Exu para propiciar sua delicada missão.  
De seu sucesso dependia a alegria dos seus irmãos e amigos orixás.  
Veio ao Aiê e juntou as mulheres à sua volta,  
banhou seus corpos com ervas preciosas,  
cortou seus cabelos, raspou suas cabeças,  
pintou seus corpos.  
Pintou suas cabeças com pintinhas brancas,  
como as penas da galinha-d'angola.  
Vestiu-as com belíssimos panos e fartos laços,  
enfeitou-as com jóias e coroas.  
O ori, a cabeça, ela adornou ainda com a pena ecodidé,  
pluma vermelha, rara e misteriosa do papagaio-da-costa.  
Nas mãos as fez levar abebés, espadas, cetros,  
e nos pulsos, dúzias de dourados indés.  
O colo cobriu com voltas e voltas de coloridas contas  
e múltiplas fieiras de búzios, cerâmicas e corais.  
Na cabeça pôs um cone feito de manteiga de ori,  
finas ervas de obi mascado,  
com todo condimento de que gostam os orixás.  
esse oxo atrairia o orixá ao ori da iniciada e  
O orixá não tinha como se enganar com seu retorno ao Aiê.  
Finalmente as pequenas esposas estavam feitas,  
estavam prontas, e estavam odara.  
As iaôs eram as noivas mais bonitas  
que a vaidade de Oxum conseguia imaginar.  
Estavam prontas para os deuses.  
Os orixás agora tinham seus cavalos,  
podiam retornar com segurança ao Aiê,  
podiam cavalgar o corpo das devotas.  
Os humanos faziam oferendas aos orixás,  
convidando-os à Terra, aos corpos das iaôs.  
Então os orixás vinham e tomavam seus cavalos.  
E, enquanto os homens tocavam seus tambores,  
vibrando os batás e agogôs, soando os xequerês e adjás,  
enquanto os homens cantavam e davam vivas e aplaudiam,  
convidando todos os humanos iniciados para a roda do xirê,  
os orixás podiam de novo conviver com os mortais.  
Os orixás estavam felizes.  
Na roda das feitas, no corpo das iaôs,  
eles dançavam e dançavam e dançavam.  
Estava inventado o candomblé. (Prandi, 2001, p. 526-528)

O mito descrito torna-se interessante, pois, além de explicitar a ira de Olorum em relação aos seres humanos, demonstra também que esse relacionamento é tão importante para os deuses iorubanos (Orixás) como para os homens. Como citado anteriormente, para haver essa relação existe uma série de rituais a serem cumpridos,

como o preparo do corpo e a aprendizagem da religião, que é transmitida através da oralidade. O iniciado na religião, após passar por esses rituais, renasce para uma nova vida, que lhe trará responsabilidades para com o seu Orixá, mas também a possibilidade de realizações pessoais. O descuido de tais responsabilidades pode também trazer prejuízos de ordem pessoal e comunitária. Cada Orixá é cultuado de uma maneira e possui gestos e preferências bem particulares; desde a comida que lhe é oferecida à vestimenta que o fiel deve usar nos rituais e dias de festa. Xangô, Orixá da justiça, por exemplo, que na natureza é o senhor dos raios e do trovão, tem como símbolo o machado de duas faces, e quando incorporado, usa também uma coroa, que simboliza o mito do mesmo ter sido em vida, “o rei de Oyó, uma das principais cidades de língua ioruba” (Silva, 2005, p. 76). Contam estudiosos e adeptos do candomblé, que os filhos de santo, ou iniciados, possuem uma personalidade muito próxima do seu Orixá e devem além de prestar suas homenagens e cuidar do pegi – “altar onde se encontram as pedras dos Orixás e lugar onde se colocam as oferendas” (Berkenbrock, 2007, p. 446), também observar uma série de posturas na vida cotidiana. Nas cerimônias, ou festas, cada filho de santo incorpora o seu Orixá e representa mitos. Segundo Prandi:

Na sociedade tradicional dos iorubás, sociedade não histórica, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida. Como os iorubás não conheciam a escrita, seu corpo mítico era transmitido oralmente. (Prandi, 2001, p. 24)

O relacionamento entre os seres humanos e Orixás, não só é possível, como também é necessário e decisivo, para que se possa manter o equilíbrio entre Orum e Aiye. “Do nó no relacionamento entre pessoas e Orixás depende tanto o destino pessoal de cada indivíduo, como o destino de todo o sistema” (Berkenbrock, 2007, p. 271) e a busca constante dessa relação de troca entre seres humanos e divindades acontece através da força, ou energia vital, denominada “Axé”. Além do Axé, segundo a tradição iorubana, outras duas forças, ou princípios, atuam sobre o universo e tudo o que nele existe, possui tais princípios: “Iwá”, ou possibilidade de existência e “Abá”, que é o destino ou direção.

### **Axé: dinâmica para a vida**

A busca pela manutenção do equilíbrio é um dos pontos centrais no Candomblé e tal equilíbrio só é possível, pois existe a relação entre seres humanos e Orixás. Cada filho ou filha de santo dentro de um terreiro é responsável não só por cuidar do seu Orixá, mas também por manter o equilíbrio e a harmonia de sua família de santo e de todo o sistema de existência. Não é difícil perceber que para os iorubanos tudo o que existe (seja no Orum ou no Aiye) possui uma espécie de ligação cósmica e nessa dinâmica, nada pode ser excluído, todas as coisas são desdobramentos ou possibilidades.

Como detentores de forças da natureza, os Orixás têm a incumbência de reger o universo, cada qual com uma responsabilidade, segundo as suas especificidades. Assim, Oxum é a força regente dos rios; Ossaim a força regente da vegetação; Ogum a força regente do ferro. Os seres humanos, possuem um elo de ligação com o seu Orixá (cada um a sua maneira) de tal forma, que é dessa relação que se pode manter o equilíbrio ou desequilíbrio do universo. Segundo Berkenbrock:

Neste ponto de interseção (entre Orum e Aiye), a pessoa humana encontra-se tanto como indivíduo, como também como ligação entre os Orixás e a comunidade humana, entre os Orixás e todo o Aiye. A pessoa encontra-se nesta relação como indivíduo – e desta relação depende seu destino – mas também como elo de ligação do todo. O Axé liberado por esta relação proporciona a força da dinâmica ao indivíduo e à comunidade. Não há nunca uma relação da comunidade como tal com os Orixás. Esta é feita sempre passando pelo indivíduo. Com isto, se conclui que a relação entre cada pessoa e o Orixá nunca é uma relação que diz respeito apenas à pessoa. Através da pessoa, o Orixá entra em contato com toda a comunidade humana e com a natureza. E este contato é decisivo tanto para a pessoa como para a comunidade, pois o Axé liberado nesta relação reverte tanto em favor da dinâmica individual como da comunitária. Nesta ligação do indivíduo com os Orixás apoia-se a comunidade e com isso cada qual tem uma certa responsabilidade pelo bem de todos. (2007, p. 250-251)

Nota-se que toda a organização religiosa do Candomblé busca a todo tempo o movimento ou dinâmica, que proporciona a vida. Essa força denominada Axé é que garante a existência e sem ela tudo estaria paralisado. Os fieis em contato com os seus Orixás proporcionam o Axé, as oferendas e sacrifícios fortalecem o Axé, os ritos garantem a distribuição do Axé e toda essa realização acontece através de um sistema de oferta e devolução.

Cada oferta obriga uma restituição, cada receber um dar. Através das atividades religiosas acontece uma troca entre Orum e Aiye, entre os Orixás e seus filhos, e esta troca intermedia e libera o Axé, o princípio ou força da dinâmica, e com isso está garantida a continuação da existência. (Berkenbrock, 2007, p. 190)

Como citado no capítulo anterior, através de um mito, Orum e Ayie nem sempre estiveram divididos, e foi por descuido do ser humano que tal separação ocorreu. Somente os Orixás podem fazer a transição entre os dois universos, mas através da sua relação com os homens, também os homens podem estar em contato com o Orum. Sendo assim, todo o esforço religioso é para unificar as duas formas de existência, e dessa maneira, garantir o equilíbrio, que ocorre quando os dois universos estão em ordem. Segundo Berkenbrock:

O culto no candomblé é uma tentativa de resistir à divisão entre os dois níveis de existência e tornar presente a realidade da ordem inicial. A unidade primitiva entre Orum e Aiye é compreendida como uma situação de total harmonia e felicidade; por isso mesmo, ela é sempre novamente buscada. (2007, p. 183)

O local onde acontecem os cultos, ou terreiro, é uma tentativa de representar uma África mítica e também perdida após a travessia no Atlântico. Muitas foram as modificações sofridas na tradição dos iorubás, e novos elementos surgiram na tentativa de re-composição ou re-invenção da religião dos Orixás no Brasil. O fato é que essa re-organização, uniu também Orixás que eram cultuados separadamente, por famílias ou clãs, num mesmo espaço, onde mitos são revividos, e os mesmos, como atores protagonistas, é que garantem a ordem e a harmonia, e permitem, mesmo que por instantes, a ligação entre o limitado e o ilimitado, ou entre Orum e Ayie.

### **Considerações finais**

A descrição feita até aqui, é sem dúvida, uma maneira tímida de explicar “o conceito de Orixá no Candomblé”, visto que é uma religião a ser compreendida não somente através de leituras, mas talvez na observação e contato direto com a religião e seus

segredos<sup>7</sup>. É interessante observar como se recriou uma África mítica dentro dos terreiros, mesmo sabendo que muitos elementos foram perdidos e/ou readaptados ao novo contexto. Essa busca incessante pela ancestralidade africana demonstra que é na região dos iorubás que se encontra a energia vital - que reanima toda a existência - e essa força é obtida através da relação entre os seres humanos e os Orixás, e também reforça o desejo e o sentimento de retorno ao berço onde tudo começou. Nas últimas décadas, muitos pais e mães de santo têm buscado essa “pureza original”, dirigindo-se para o continente africano e passando pelo ritual de iniciação. Tal pureza é muito discutida entre pesquisadores, pois, ao mesmo tempo em que a religião se “transformou” no Brasil, também se modificou na região dos iorubás, que passaram por inúmeros processos sociais desde a época da colonização portuguesa até os dias de hoje. Para os que buscam suas raízes, é um encontro com a ancestralidade, que garante não só maior aprendizagem da religião, mas também visibilidade, visto que, aqui no Brasil, entre candomblecistas, conquistam maior prestígio.

Em relação aos Orixás, que receberam de Olorum o domínio das forças da natureza, são os responsáveis por tudo o que existe e acontece no Ayie. Por esse motivo estão em constante ligação com os seres humanos e são invocados para manter a ordem e o equilíbrio entre os dois níveis de existência. Os seres humanos, por sua vez, possuem a tarefa, ou obrigação, de cuidar do seu Orixá e a ele dedicar sacrifícios, oferendas e cuidados especiais. Não é difícil perceber através de registros e entrevistas feitas por grandes pesquisadores, o quão importante é a relação dos devotos com seus deuses; que emprestam seus corpos físicos e muitas vezes abdicam de prazeres em prol das obrigações. Tal relação é tão íntima, que muitos aspectos da personalidade dos Orixás se assemelham com a personalidade dos seus filhos. Além disso, o relacionamento entre os Orixás, nem sempre foi harmonioso e alguns mitos contam como essas relações foram conturbadas e podem ser refletidas também nas relações sociais entre os filhos de santo.

Outro ponto a ser destacado é a concepção de mundo iorubana, na qual tudo o que existe está interligado de alguma maneira aos dois níveis de existência, que outrora foram separados, mas que através da religião podem unificar-se e trazer de volta a

---

<sup>7</sup> Os segredos da religião são mantidos entre fiéis e revelados com o passar do tempo, paulatinamente, na medida em que as responsabilidades também aumentam sobre a comunidade. Os pais e mães de santo são detentores de maiores segredos do que um filho, ou filha de santo por exemplo.

unidade e equilíbrio perdidos. O equilíbrio que se tenta restabelecer não tem como foco somente um terreiro e seus fiéis, mas a totalidade mundo e tudo o que nela se insere, o que demonstra uma relação de interdependência entre homem e natureza – sem dúvida, um dos pontos mais belos e interessantes das religiões afro-brasileiras.

### **Referências bibliográficas**

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

BERKENBROCK, Volney José. *A Experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Nágila Oliveira dos. *Do calundu colonial aos primeiros terreiros de candomblé no Brasil: de culto doméstico à organização político-social-religiosa*. Revista África e Africanidades. Ano I – n. 1. Maio, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.